



Alfabetização Infantil e o Mundo da Escrita

Luciana Varela Rocha Matias¹

Resumo: Quando se fala em alfabetização infantil vem a ideia de ter como aprendizagem principal a leitura e escrita das crianças, Nesse sentido, ela precisa aprender a ler e escrever de forma muito rápida, decodificando as letras e decorando sílabas, e quando isso não ocorre, são consideradas como “atrasadas”, incompetentes e chegam a ser mal compreendidas, porque o sucesso do desempenho foi realizado em outras crianças, a maioria da turma conseguiu ler e escrever ao final do ano. Diante das dificuldades da criança é inevitável deixar passar sem uma reflexão e um chamado de ajuda para rever os conceitos de alfabetização e aquisição de conhecimentos, pois tais conceitos existentes requerem um ajuda significativa na aprendizagem da escrita. Muitas vezes, A criança não é vista como o centro do processo e passa a ser ainda mera receptora do ensino, dessa forma o resultado na aquisição de conhecimentos é exigida a curto prazo, pelos pais, professores, donos de escolas, enfim, pela sociedade que espera da criança um bom rendimento escolar. Diante do exposto, mais especificamente responder ao questionamento norteador para a presente pesquisa: O processo de aprendizagem da escrita é compreendido na alfabetização infantil? A metodologia constituiu-se por meio de pesquisa bibliográfica. O texto está organizado em cinco tópicos de análise breve em que identifica: Estágios do Desenvolvimento Cognitivo, Percebendo o Significante e o Significado, Evolução da Criança – Níveis de Escrita, A Importância do Conhecimento Linguístico na Alfabetização e fim Teorias Envolvendo o Processo de Aquisição da Escrita. Ressaltando um conhecimento maior sobre o tema em questão.

Palavras-Chave: Alfabetização Infantil; Leitura; Escrita.

Child Literacy and Writing World

Abstract: When talking about children's literacy comes the idea of having as main learning the reading and writing of children, in this sense, she needs to learn to read and write very quickly, decoding the letters and decorating syllables, and when this does not occur, Are considered to be "backward", incompetent, and poorly understood because the success of the performance was realized in other children, most of the class was able to read and write by the end of the year. In the face of the difficulties of the child it is inevitable to let go without a reflection and a call for help to review the concepts of literacy and acquisition of knowledge, because such existing concepts require a significant help in the learning of writing. Often, the child is not seen as the center of the process and becomes a mere recipient of the teaching, so the result in the acquisition of knowledge is demanded in the short term by parents, teachers, school owners, in short, by society Who expects the child to perform well in school. In view of the above, more specifically answer the guiding questioning for the present research: Is the process of learning to write understood in children's literacy? The methodology was constituted by means of bibliographical research. The text is organized in five topics of brief analysis in which it identifies: Stages of Cognitive Development, Realizing Significant and Significant, Evolution of the Child - Writing Levels, Importance of Linguistic Knowledge in Literacy and End Theories Involving the Process of Acquisition of Writing. Emphasizing a greater knowledge on the subject in question.

Keywords: Child Literacy; Reading; Writing.

¹ Luciana Varela Rocha Matias. Analista em Gestão Educacional – Governo do Estado de Pernambuco. luvaroma@bol.com.br



Introdução

A criança está em aprendizagem constante, mesmo antes de iniciar na escola, ela tem toda uma história que a prepara e dá subsídios para viver em sociedade, absorvendo, assim, ensinamentos.

Ao nascer, a criança se integra em uma história e cultura que são de seus antecessores, próximos ou não, isso acarretará para ela uma importante herança que influenciará seu próprio desenvolvimento histórico-cultural.

Ao longo da construção de sua própria história, a criança terá forte ascendência no que diz respeito a habilidades, valores, atitudes e até linguagens de pessoas que interagem com ela no seu grupo familiar. Estão presentes também, nessa construção, o relacionamento em outras instituições, como escola, igreja, etc. Nesse sentido, Oliveira (1997, 40) coloca:

fundamento do funcionamento psicológico humano é social e, portanto histórico. Os elementos mediadores na relação entre homem e o mundo-instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural – são fornecidos pelas relações entre homens.

A escola, sendo uma das instituições que recebe a criança para integrá-la na sociedade por meios de normas convencionais, a fim de tornar compreensível a relação no convívio social, necessita está atenta e preparada para acolhê-las, respeitando assim, o seu desenvolvimento cognitivo.

A criança possui um esquema de assimilação que desenvolve de acordo com as etapas que ela atravessa. Essas etapas devem ser respeitadas e estimuladas pela escola, levando para o ensino e aprendizagem a compreensão e a utilidade dos conhecimentos teoricamente adquiridos teoricamente.

Diante de todo esse quadro de cuidado e atenção com a criança, precisamos entender duas coisas primordiais para começarmos a mudar certas atitudes. O que é alfabetização e como a criança encontra-se nessa fase.

A alfabetização também é um ato de aprender a ler e escrever, mas não podemos esquecer que a leitura e escrita não acontece somente na instituição escolar, quando a criança está frequentando a sala de alfabetização. É um processo e como tal se dá muito cedo na vida da criança. Ela começa a ler o mundo que a cerca desde pequena, muito antes da escola.



Vejam os o que Lima (1999, 64) diz: “... A alfabetização deve ser entendida, pois como um processo que se inicia com a criança pegando, ouvindo, combinando e experimentando objetos”.

O processo deve ser acompanhado e respeitado pela instituição escolar e o que vai definir muito bem o que é alfabetização e em que consiste, é o método utilizado, pois revela como será o processo de alfabetização e o que a escola projeta para esse aluno a cerca de aprendizagem ao final de cada ano.

Podemos colocar como exemplo o método tradicional, que a maioria das escolas adotam, ou seja, como se apresentam as letras, o modo fragmentado de se construir a palavra, mesmo sendo uma palavra conhecida pela criança, fazendo parte do seu cotidiano e reconhecendo o seu significado, ainda há dificuldade em compreender a escrita da maneira como é apresentada. Com esse método entende-se que o conceito de alfabetização é somente o ato de aprender a ler e escrever de maneira isolada.

A instituição escolar que recebe a criança e respeita seu conhecimento prévio e suas etapas de aprendizagem, reconhece nesse processo à importância de se ter como o centro de aquisição da aprendizagem e do conhecimento, a criança. Lima (1999,64) diz que:

Em geral, a leitura, ou alfabetização, é vista como um momento especial de aquisição de um conhecimento específico, para o qual se volta toda ação pedagógica. Por outro lado, não percebo a sequência natural desta assimilação e desconhecendo as etapas de desenvolvimento da criança, elas impõem “métodos” e exaustivas repetições.

A arte de alfabetizar não é fácil, mas também não se pode tornar um sofrimento para o educando e o educador. A responsabilidade é grande, principalmente para o educador que deve ter conhecimento do desenvolvimento cognitivo da criança, como também da metodologia e atividades necessárias para as fases em que elas se encontram.

Alfabetizar é respeitar as informações que a criança traz e daí partir para o trabalho e a produção de conhecimentos, com atividades que estimulem e preparem a criança, tornando-a apta para adquirir novas experiências.

A criança deve ser vista e compreendida pelo professor como centro do processo de ensino e aprendizagem, respeitando assim, seu desenvolvimento cognitivo para assimilar o



conhecimento revelado. A aprendizagem precisa ainda manifestar-se prazerosa e significativa para ambos.

A aprendizagem para a criança precisa ser significativa, ela deve compreender o que significa escrever, o que essa instrução vai acrescentar na sua vida. Lemle (1981,07) comenta sobre o assunto: “A primeira coisa que a criança precisa saber é o que representam aqueles risquinhos pretos em uma página em branca”.

O professor que consegue buscar como a criança se sente na fase de desenvolver a escrita, procurando entender o universo infantil, através de seus estágios de desenvolvimento cognitivo, entenderia como a criança manifesta o seu pensamento e, partindo daí desenvolveria uma explicação do início de todo o processo e importância, da escrita.

Metodologia

Realizou-se no período de junho e julho de 2016 e constituiu-se por meio de pesquisa bibliográfica sendo baseado em Cagliari (2000), Lima (1999), Ferreiro (2000), entre outros. Observou-se a ausência e, com isso a necessidade de haver conhecer mais sobre o processo de alfabetização infantil e, com isso, uma reflexão sobre a temática em questão.

Ponderando a relevância ao tema, buscando conhecer o processo de aquisição da leitura e escrita para o ensino e aprendizagem das crianças. Segundo Gil (2008, p.17), a pesquisa científica é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Para a composição e seleção dos autores, adotaram-se os seguintes descritores utilizados para pesquisa. “Alfabetização Infantil”; “Leitura”; “Escrita”.

O texto está organizado em cinco tópicos de análise breve em que identifica: Estágios do Desenvolvimento Cognitivo, Percebendo o Significante e o Significado, Evolução da Criança – Níveis de Escrita, A Importância do Conhecimento Linguístico na Alfabetização e fim Teorias Envolvendo o Processo de Aquisição da Escrita.



Estágio do Desenvolvimento Cognitivo

Os estágios ajudam os educadores a preparar a criança para a escrita, entendendo o melhor momento para assimilar a escrita. Eles servem de certa forma como condutor para o educador entender o universo infantil, de como a criança está usando sua lógica e raciocínio para assimilar o conhecimento. Muitas vezes não se tem essas informações e acredita que o aluno não rende na aprendizagem, é preguiçoso, desinteressado, etc. Dessa forma, procura-se culpados e não o saber necessário para auxiliar o aluno nesse processo educacional.

Vejam os estágios, no sensório-motor (zero a dois/três anos), a assimilação da criança se dá pela ação sobre o meio. Este processo leva aproximadamente dois anos e, ao final, sua função semiótica (denominada por Piaget como uma função que abrange muito mais que o indício de um novo código de aprendizagem da leitura e escrita, mas também a linguagem, o desenho, a imitação, etc.), encontra-se presente e ela adquire a linguagem, Lima (1999, 51) expõe que: “A principal característica deste período é a ausência da função semiótica”.

No estágio simbólico (dois/três a quatro/cinco anos), se dá por causa da função semiótica que já está estabelecida, dessa forma a criança pode ter a imagem mental dos objetos. Ela pode simbolicamente transformar o mundo para realizar sua necessidade; dá vida a objetos; se alimenta de fantasias; gosta de conversar sozinha, sendo egocêntrica ao extremo. Vejam o que Lima (1999,53) fala do segundo estágio:

(...) devemos explorar abundantemente as imitações sem modelo, as dramatizações, os desenhos e pinturas, as histórias, o “faz de conta”, a linguagem e antes de tudo, permitir que realizem os jogos simbólicos, sozinhas e com as demais, tão importantes para o seu desenvolvimento cognitivo e para o equilíbrio emocional.

No estágio intuitivo (quatro/cinco a sete/oito anos, aproximadamente), a criança precisa da palavra para se expressar nesta fase, ainda não tem a capacidade de reverter o raciocínio e depois retomá-lo (reversibilidade do pensamento). Sobre o terceiro estágio Lima (1999,53) coloca que:



(...) as instituições demonstram em especial interesse pelas causas dos fenômenos e, por isto que perguntam tudo o tempo todo (a famosa idade dos porquês)” .

No estágio operatório operário concreto (sete/oito a onze/doze anos), a criança possui um poder maior de se concentrar, organizando o mundo de forma lógica, é o momento maior que o interesse se volta para aventuras. Lima (1999,54) diz o seguinte:

Se seu processo de alfabetização foi natural, certamente gostará da leitura, onde descobre um mundo de aventuras, curiosidades e novos conhecimentos. Adora as adivinhações, os enigmas, as charadas, e podemos usar estes recursos fartamente na aprendizagem escolar.

O estágio operatório abstrato (onze/doze anos em diante), apesar de não envolver no nosso enfoque de pesquisa, merece algumas considerações. Vejamos o que Lima (1999, 55) diz sobre este estágio: “... têm início os processos de pensamento hipotético-dedutivo. Está interessado nas transformações sociais, nas teorias voltadas para o futuro...”

Conhecer os estágios do desenvolvimento pelo qual toda criança passa, ajuda a entender como acontece o pensamento infantil e como proceder nos trabalhos e atividades escolares, respeitando seu momento e o modo como ela processa o conhecimento. Lima (1999,42) nos mostra o quadro de estágios bem mais detalhado.

Quadro 01: Estágios do Desenvolvimento

Idade Média Anos	Estágio do Desenvolvimento	Nível de Linguagem	Nível de Organização e Socialização	Nível de Representação Gráfica (Desenho)	Nível de Representação (Corpo)
0 a 2/3	Sensório motor	Monólogo (ecolalia. Palavra ênfase)	Individual	Realismo Fortuito	Imitação com modelo
2/3 a 4/5	Simbólico	Monólogo Coletivo	Pares Móveis	Realismo Gorado	Imitação sem Modelo
4/5 a 7/8	Intuitivo	Informativo adaptada	Pares fixos	Realismo intelectual	Jogo simbólico
7/8 a 11/12	Opera-tório Concreto	Diálogo	Bando	Realismo visual	Dramatização
11/12 em diante	Operatório abstrato	Discussão	Grupo	Técnicas de desenho	Teatro

A criança quando é estimulada para aprender, desenvolve-se mais rápido. No caso da escrita, se houver um maior incentivo no convívio com lápis e papel ela irá produzir



desenhos e traços que estará relacionado ao seu meio. A interpretação própria da criança nesta fase é o que importa, nos rabiscos ela se expressa e coloca toda informação recebida pelo convívio histórico, social e cultural adquirido, este é o princípio de sua escrita. Com relação a interpretação da criança, Azenha (1998, 37) comenta que: “A interpretação do acesso ao conhecimento da escrita acentua a existência de um processo evolutivo ao longo do desenvolvimento infantil...”

O período será longo até que a criança chegue a escrita propriamente dita, de forma como os adultos percebem e entendem. Existe a dificuldade em perceber que uma oração pode se fragmentar e cada pedaço é uma palavra a ser lida.

O conflito passa a existir, quando a criança percebe as dúvidas existentes para escrever determinadas palavras, o modo como funciona para algumas não funciona para outras, e este conflito precisa existir para que haja um maior desenvolvimento na escrita. Retomemos a Azenha (1998,78) para refletir mais sobre o conflito da escrita. Ela afirma:

(...)A existência de discordância da leitura feita pela criança e pelo adulto, onde há sempre letras a mais ou a menos, empurra a criança a realizar uma nova acomodação.

Vivemos em um mundo cercado por palavras e símbolos que, cotidianamente, temos contato, e fica difícil imaginar diferente. Ela faz parte de nossa cultura e seu uso está sempre em evidência. A necessidade que temos de divulgação, através da escrita, nos torna apreciadores desta prática. As informações contidas nas bancas de jornais e revistas, internet, redes sociais, placas e letreiros, enfim, anúncios que encontramos nas ruas, nos leva ao acúmulo e mistura de informações, causando muitas vezes poluição visual, devido ao acréscimo cada vez maior de sua prática.

É neste mundo da escrita que a criança está inserida e com certeza todas essas informações não ficam alheias na sua vida e na aprendizagem com relação ao seu uso. Por isso a escola precisa está atenta e preparada para receber essas crianças e dar continuidade neste processo de ensino e aprendizagem que requer o aprimoramento da escrita. Em se tratando de desenvolvimento da criança, Cagliari (2000, 105) afirma:

Historicamente muitos sistemas de escrita desenvolveram a partir de desenho. A escrita começou a existir no momento em que o objeto do ato de representar



pictoricamente tinha como endereço a fala e como motivação fazer com que através da fala o leitor se informasse a respeito de alguma coisa.

A escola oferece para a criança um conhecimento fragmentado, como se ela nunca tivesse entrado em contato com as letras ou símbolos na vida. Partindo de um conhecimento assim, a criança perde a vontade de aprender, não consegue entender o que está sendo ensinado e para que vai ser útil todo esse aprendizado.

A escrita, na nossa cultura, é algo essencial, e tem uma função importante e necessária que é favorecer a leitura. Essa leitura deve ser seguida de produção da escrita, se fazendo entender e ser entendido. Cagliari (2000,103) diz o seguinte sobre a escrita: “A escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura”.

A necessidade da escrita está presente no nosso meio social. As letras e símbolos são atribuídos por convenção para que haja uma compreensão e um melhor entendimento na sociedade que vivemos. As letras que formam palavras, frases e textos nos levam à leitura e a interpretação da informação recebida, sendo assim, a leitura é objeto real da escrita. Não teria sentido as letras impressas no papel sem conseguirmos decifrar, e o mais importante, interpretar.

Percebendo o Significante e o Significado

Os códigos significantes e significados foram identificados por Jean Piaget e divididos. O significante em quatro etapas: índice, sinal, símbolo e signo, eles estão relacionados a desenhos, fotos, imitações, palavras, etc. Enquanto que o significado relaciona-se ao objeto. Esses códigos expressam o processo de desenvolvimento cognitivo da criança, desvela a quanto anda o seu processo na alfabetização.

A inteligência trabalha com significante e o significado, com o crescimento cognitivo que ajuda o educador na análise e trabalhos a serem executadas na sala de aula, com estímulo na aprendizagem da escrita. Lima (1999,193) diz sobre o assunto:

Este primeiro momento de distinção entre os significantes (índice, sinal, símbolo e signo) dos seus significados (objetos) é muito importante para o processo de



alfabetização, vez que representam a etapa das EXPERIÊNCIAS mais diretas da criança.

O quadro a seguir mostra mais detalhadamente como acontece a percepção da criança:

Quadro 02: Significante e Significado

Índices	É quando uma parte do objeto representa o objeto por completo. Ex: um quebra cabeça.
Sinais	Podem ser entendidos como “índices artificiais”, são eles por instrumentos, imitação de uma ação, desenhos (símbolos), palavras (signos). Etc. Ex: uma placa com um desenho de um garfo para indicar restaurante é um através de instrumento, mas é também um índice que exige comida.
Símbolos	É o comparecimento mental dos objetos, estando ele longe de sua visão nessa etapa, surge a função semiótica. Exemplo: a criança pode desenhar um objeto sem precisar estar vendo.
Signos	São significantes que não dependem mais do objeto. É a palavra verbal e e gráfica. Exemplo: a criança já consegue falar, escrever e ser compreendida.

Evolução da Criança – Níveis de Escrita

A criança em um ambiente que mantém um contato maior com a escrita, em que os pais têm acesso aos jornais, revistas, livros, internet, enfim, a prática da escrita no cotidiano, manifesta uma influência para exercitar esse saber, mesmo antes de ingressar na escola. Ela vive no mundo das letras, captando acontecimentos, em que há necessidade da escrita para realização de tarefas e, é importante que ela tenha essa observação e incentivo de reproduzir os acontecimentos percebidos.



A tentativa de reproduzir a vivência da escrita se torna até inevitável. A criança muito pequena ainda sente necessidade de contar o que vê e, ao pegar em papel e lápis relata do seu modo, os fatos ocorridos no seu dia-a-dia. Mesmo sem saber escrever, ela expressa a intenção através de desenhos, que interpretadas por ela, logo é explicado o que significa.

É nesse contato com as letras, pessoas e objetos, que a criança inicia seu aprendizado no mundo da escrita. O mundo da fantasia que ela vive é muito retratado e misturado à realidade e, assim ela vai aprimorando e expressando sua vivência. Essa expressão, do desenho e rabisco é compreendida nos níveis de evolução pelo qual a criança atravessa até possuir uma escrita aprimorada.

É importante o educador ter o conhecimento dos níveis de escrita para no processo de sua aquisição, não achar que a criança escreveu errado ou não sabe ainda escrever. As informações obtidas pelo professor a respeito do desenvolvimento da escrita, juntamente com o conhecimento da vida da criança, ajuda a entender como ela está apresentando a escrita, se dessa ou daquela forma e, assim ajuda-la a aprimorá-la.

A criança passa por esse processo de iniciar com desenhos, passa para rabiscos e com o auxílio da escola e da família conhece e reconhece letras, palavras, etc. Por isso entende-se que, se toda educação formal no processo de alfabetização infantil tiver a preocupação, de encaminhar melhor seus alunos no desenrolar da escrita não haveria tanto sofrimento por parte da criança. Azenha (1998, 60) coloca que :

(...) a escrita da criança é avaliada como errada quando não corresponde a forma socialmente válida. O controle para evitar o erro é deliberado e se apoia na crença de que este se consolida se não é evitado. Mesmo durante a aprendizagem sistemática, a criança só escreve a partir da cópia de um modelo e qualquer desvio convencional é imediatamente apontado e corrigido. A ideia de que a aprendizagem da escrita só se inicia a partir da autorização do adulto e o controle explícito do que deve ser escrito, é suficientemente forte para que a criança tenha a percepção de que para escrever deve fazê-lo corretamente a partir do ensino escolar.

O desenvolvimento da escrita com a criança é denominado hipótese pré-silábico, escrita indiferenciada, diferenciação da escrita, silábico, silábico alfabético, alfabético. Essas seis etapas retratam, ao educador, a que nível de aprendizagem seu aluno se encontra. Vejamos nesse sentido, o quadro a seguir:



Quadro 03: Evolução da Criança

Hipótese Pré-Silábica	A criança não tem o conhecimento ainda das letras, mas entende que a escrita pode reproduzir o som da fala, o que na verdade ocorre é o registro da palavra de acordo com o tamanho ou alguma referência do objeto citado. Isso implica a interpretação dela diante de sua própria escrita.
Escrita Indiferenciada	O importante agora é a interpretação da criança, não existe a fragmentação de sua leitura. A interpretação da criança diante de sua própria escrita revela uma confusão. Como se baseia no tamanho e característica do objeto, a hora de identifica-los faz a criança trocar de lugar os nomes dos objetos, com isso é comum a escrita delas vir seguida de desenho, é como se fundamentasse o que está sendo colocado no papel.
Diferenciação da Escrita	Agora a criança conhece algumas letras e se apropria delas para reproduzir sua escrita, não importando muito o fato de repetir várias vezes aos poucos letras conhecidas, quanto a sua interpretação contínua de forma não fragmentada.
Hipótese Silábica	É a fase de maior conflito para a criança, pois ela atribui o valor sonoro da palavra a escrita de uma letra ou sinal para reproduzir as sílabas faladas. Isso é o que realmente identifica esta fase e não o emprego aleatório de letra ou sinais, sem a consideração do seu valor sonoro convencional, como é pensado. Ela se utiliza muito na sua escrita das vogais e no seu registro acontece de haver mais e as vezes menos letras para representar as sílabas, surgindo assim, o conflito na hora da interpretação feita por ela.
Hipótese Silábico-Alfabética	Se caracteriza por esse nome porque se utilizam ao mesmo tempo de hipóteses silábicas e alfabéticas, ou seja, ela não abandona os momentos anteriores, o conflito continua, somente agora, ela acrescenta letras, não engole mais. Tenta aproximar sua escrita dos sons, da fala, usando mais de uma letra para as sílabas
Hipótese Alfabética	Ao escrever, a criança, já consegue fazer uma análise do som dos fonemas e sua escrita é compreensiva para os adultos, embora exista erros ortográficos, mais isso se dá por motivos de sua assimilação, são chamados de “explorações espontâneas” a escrita das palavras são diferentes do som.

O quadro acima nos mostra as dificuldades pelo qual a criança atravessa no seu desenvolvimento cognitivo para assimilar a escrita.



A Importância do Conhecimento Linguístico na Alfabetização

As dificuldades muitas vezes encontradas nas salas de alfabetização infantil na aquisição da escrita, deve nos leva a refletir por qual motivo isso ocorre. Uma das formas de entender esse processo é através da linguística. Partindo desse conhecimento iremos compreender melhor a criança em busca da escrita e assim ajudá-la.

A linguística é o estudo científico da linguagem, preocupa-se com a funcionalidade da linguagem humana escrita ou falada. Daí a importância desse conhecimento. Cagliari (2000,52) mostra a importância da linguística:

O professor de português desde a alfabetização até o último ano escolar, deve ter informação desse tipo, do contrário não poderá realizar sua tarefa com competência e precisão. Quem lida com o ensino de línguas tem que saber linguística.

Tais informações envolvem os componentes da linguística, que são abrangentes e se dividem em:

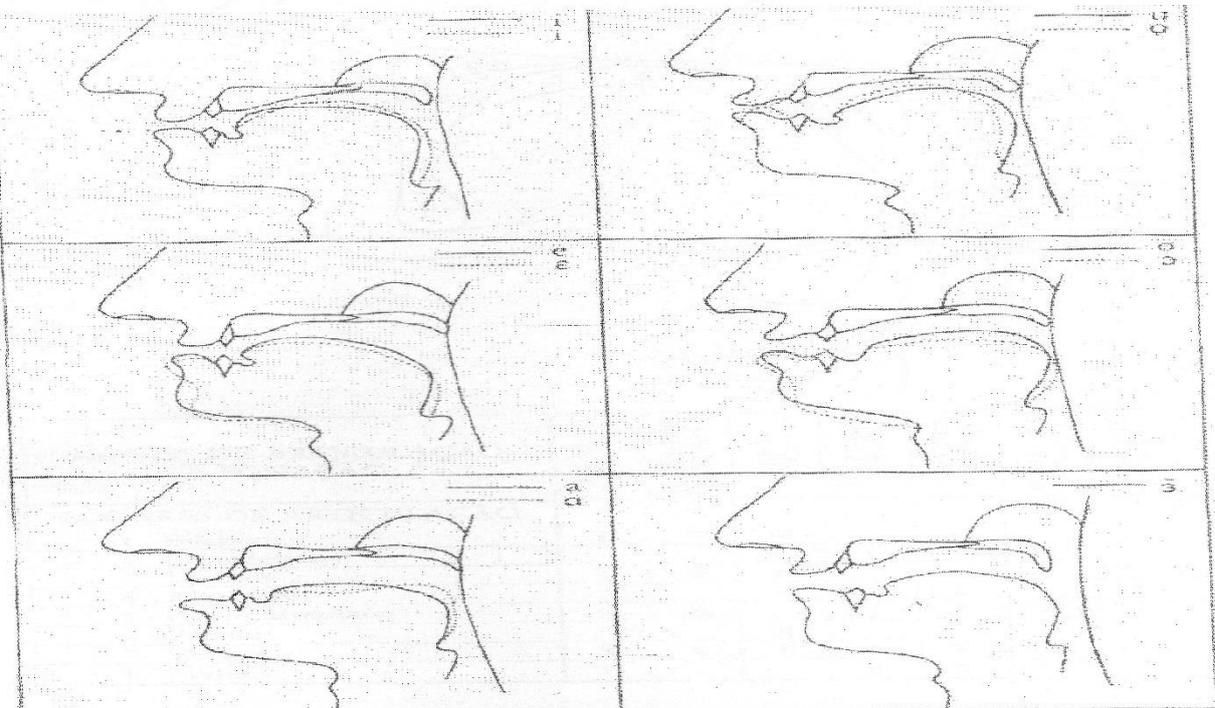
Quadro 04: Elementos Linguísticos

Fonética	Estuda os sons da fala, de forma a identificar pronúncias e também a variedade linguística
Fonologia	Estuda também sons de uma língua, identificando sua pronúncia e escrita, mostrando que a variação linguística não modifica o signo linguístico (significado e significante).
Morfologia	Estuda o signo linguístico (significado e significante), identificando os morfemas e sintagmas.
Sintaxe	Estuda a estrutura que compõe a construção de frase.
Semântica	Estuda e se preocupa com o significado das palavras, de sua inclusão na língua oral e escrita.
Pragmática	Relaciona-se as condições, finalidades e uso que os falantes fazem da linguagem.
Análise do Discurso	Preocupa-se com a análise do texto, em se tratando de som, significado e estrutura.
Psicolinguística	Estuda o processo pelo qual a criança passa para usar a língua oral e escrita, reconhecendo o processo mental e a realidade linguística da criança.
Sociolinguística	Leva em consideração os usos da língua, no modo como é falada, em cada lugar do país, respeitando as condições sociais, mudanças históricas e a escrita formal, de modo diferente do convencional. Ela mostra que existe o errado e o diferente.

A escrita se diferencia da fala, escrevemos de um jeito e falamos de outro. Essa é a explicação que é passada aos alunos quando se depara com uma dificuldade para entender esse processo de escrita e que a linguística explica tão bem. Claro que o uso de certas partes da linguística não irá ser repassada para as crianças, que estão assimilando a escrita, mas esses conhecimentos irão assegurar ao profissional de educação ser guiados na construção dos trabalhos aplicados e na construção do conhecimento para ajudá-las na compreensão desse processo.

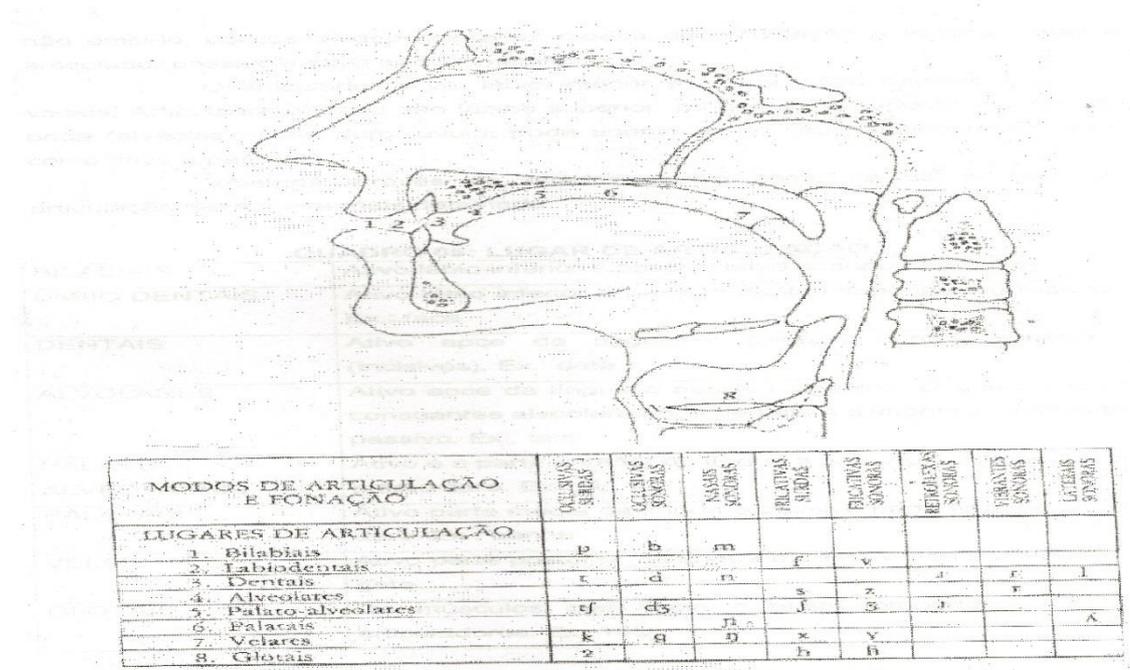
Conhecer a pronúncia da fala e o uso da escrita, na assimilação de consoantes e vogais, mostrando de onde sai o som quando se pronuncia vogais e consoantes. Explicar o verdadeiro motivo do som da fala é um ponto importante que se deve ter claro, para revelar em atividades condizentes com a faixa etária que trabalha. Compreender os sons da fala, ouvir os alunos, ser ouvido pelos alunos, dar ênfase a prática da escrita. Cagliari (2000,61) diz: “É impressionante como os erros dos alunos revelam uma reflexão sobre os usos linguísticos da escrita e da fala”.

Vejamos como se dá a articulação das vogais



Cagliari (2000)

Através do desenho do aparelho fonador da posição da articulação, deve-se entender sua classificação fonética, identificando uma a uma sua função, conforme a figura a seguir o Aparelho Fonador e as Classificações fonéticas dos sons.



Cagliari (2000)

Para entender os lugares de articulação, temos que ter o conhecimento do que seja articulador passivo e ativo.

Observou-se anteriormente o aparelho fonador, onde marca modos de articulação, fonação e lugares de articulação que através da pronúncia são os lugares que se movimentam ou não para acontecer o som das letras, pode-se até não emití-lo, porque aí dependerá os modos de articulação e fonação, mas o articulador passivo e ativo irão se manifestar.

O articulador ativo: lábio inferior a língua, véu palatino e cordas vocais. Articulador passivo são lábios superior, os dentes superiores e o céu da boca (alvéolos palato duro, úvula), pode acontecer do véu palatino poder atuar como ativo e passivo.

Vejamos através do quadro abaixo como se dá o lugar de articulação de maneira mais detalhada.



Quadro 05: Lugar de Articulação

Bilabiais	Ativo lábio inferior e passivo lábio superior. Ex: má
Lábios Dentais	Ativo lábio inferior e passivo dentes superiores (incisivos). Ex: faca
Dentais	Ativo ápice da língua e passivo dentes superiores (incisivos). Ex: data
Alveolares	Ativo ápice da língua e passivo alvéolos. O que difere as consoantes alveolares das dentais e somente o articulador passivo. Ex: lata
Palato Alveolares	Ativo é a parte anterior da língua e passivo parte medial do palato duro. Ex: já.
Palatais	Ativo parte média da língua e passivo parte final do palato duro. Ex: banha
Velais	Ativo parte posterior da língua e passivo véu palatino. Ex: gata.
Glotaís	Os músculos que ligam a glote comportam-se como articuladores. Ex: rata.

Vejamos o que diz Cagliari (1996,32-33) a esse respeito:

(...) Além de identificarmos o lugar de articulação de um segmento, devemos caracterizar sua maneira ou modo de articulação. A maneira ou modo de articular de um segmento está relacionado a um tipo de obstrução da corrente de ar causada pelos articuladores durante a produção de um segmento”.

O quadro a seguir nos mostra como acontece a articulação e formação nas pronúncias das palavras.



Quadro 06: Modo de Articulação e Fonação

Oclusivas	O véu palatino se encontra levantado e o ar que vem dos pulmões vai para a cavidade oral, os articuladores impedem a passagem da corrente de ar através da boca.
Nasais	O véu palatino encontra-se abaixado e o ar que vem dos pulmões vai para as cavidades nasais e orais, os articuladores obstruem a passagem da corrente de ar pela boca.
Fricativas	Acontece uma fricção, quando a passagem de ar central da corrente de ar se encontra com os articuladores, existe uma obstrução de ar parcialmente.
Petroflexas	Acontece geralmente pelo levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro.
Vibrantes	Articulador ativo toca várias vezes o passivo o que causa a vibração;
Laterais	Os articuladores se tocam provocando A obstrução da corrente de ar na linha central do trato vocal, o ar tem saída lateral.

Os modos de articulação e fonação terão variedade quando dizem respeito ao dialeto de cada lugar.

Teorias Envolvendo o Processo de Aquisição da Escrita

Ter conhecimento das teorias de pensadores que contribuíram para entender melhor o processo de ensino e aprendizagem, através do reconhecimento do desenvolvimento infantil, ajuda o professor a aperfeiçoar seu trabalho em sala de aula, crescendo de forma qualitativa.

As concepções teóricas sobre a aquisição da escrita destacam Jean Piaget, Lev Vigotsky, Emília Ferreiro. Pensadores que apresentam pontos comuns com relação a aprendizagem infantil.

A representação da construção do conhecimento identificada no universo infantil por esses três grandes pensadores revela a presença de pontos intrínseco e extrínseco, que ajudam o indivíduo a construir a aprendizagem.



Como psicólogo e biólogo, Piaget contribuiu com a teoria do conhecimento que não teve nenhuma intenção pedagógica, mas é considerada muito importante se estendendo também para a educação.

Segundo ele, o ser humano desenvolve uma interação com o meio, desde o nascimento, essa relação favorece o cognitivo que é identificado por etapas no qual a criança passa para alcançar o equilíbrio das ações. Esse cientista revelou ao mundo suas pesquisas e experimentos, mostrando que a aprendizagem é gradativa, e as etapas pela qual a criança passa é um aprimoramento do conhecimento que tem uma sequência lógica do pensamento. A essa sequência Piaget denominou estágios, onde se tem informações de desenvolvimento e comportamento infantil e partindo daí progredir na aprendizagem.

Os estágios são sensório motor (0 a 2 anos aproximadamente), estágio pré-operatório (2 a 7 anos aproximadamente), estágios das operações concretas (7 a 9 e 12 anos aproximadamente) e estágios lógico-formal (a partir de 12 anos aproximadamente).

Esses estágios iniciam com a carga hereditária que se constitui de reflexos, passando para um conhecimento adquirido e depois uma adequação ao meio em que vive.

A primeira relação da criança com o mundo é através do egocentrismo que, ao passar dos anos vai se ausentando devido as adaptações, experiências e aprendizagens vivenciadas ao longo do processo de formação da inteligência, e no decorrer do desenvolvimento vão surgindo etapas que são assimiladas e superadas pela criança, a esse passo de conquista, entre uma e outra, Piaget denominou adaptação. Na última fase de construção da inteligência, o indivíduo trabalha com o abstrato, tendo assim a estrutura mental necessária para que isso ocorra.

Piaget teve como ênfase nos seus trabalhos, o pensamento e a linguagem infantil e, nesses estudos deixou um material riquíssimo para o educador, caracterizando uma teoria que revela como se dá o pensamento, a ação, a busca do conhecimento no universo infantil. Vejamos Faria (1997,08):

Para se comunicar com as crianças em idade pré-escolar, os professores necessitam saber como o pensamento se relaciona com a linguagem, como se processa o desenvolvimento da linguagem nas suas várias formas (gestos, fala, escrita, imagens), como e quando usar cada uma dessas formas. Caso contrário, correm o risco de comprometer seriamente a formação de seus alunos.



A aquisição da linguagem escrita para Vigotsky, leva em conta o desenvolvimento histórico-cultural da criança, um aprendizado que a princípio torna a linguagem falada primordial para esse processo que não começa na escola. Vejamos Oliveira (1997,08):

Coerente com sua concepção sobre o desenvolvimento psicológico em geral, Vigotsky tem uma abordagem genética da escrita: preocupa-se com o processo de sua aquisição, o qual se inicia muito antes da entrada da criança na escola e se estende por muitos anos. Considera, então que para compreender o desenvolvimento da escrita na criança é necessário estudar o que ela chama de “a pré-história da linguagem escrita”, isto é o que se passa com a criança antes de ser submetida a processos deliberados de alfabetização.

Buscar compreender o desenvolvimento infantil, considerando o seu meio social e cultural para assim acrescentar conhecimentos, é um ponto de grande ênfase na teoria de Vigotsky.

Ele era considerado um visionário, por não aceitar as correntes de pensamentos da época: o inatismo (o ser humano já nasce com características e inteligência pré-determinada) e o empirismo (o ser humano vai se formando com as experiências que são submetidas), essas duas correntes eram questionadas e inaceitáveis por ele, sua inquietação tinham base em suas experiências, principalmente com primatas que ele acreditava ser o animal de comportamentos e reações mais parecidos com a do ser humano.

Os resultados de suas pesquisas revelavam que há uma interação constante entre indivíduo nos seus aspectos internos e meio social concomitante, onde a evolução intelectual depende disso. O homem se modifica e muda também o seu meio social para atender suas necessidades, a história social e cultural é dada ênfase aos estudos de Vigotsky por acreditar que o homem mesmo sofrendo influência do meio, dá um significado particular a essas vivências e então, ele constrói através dessas percepções o interacionismo.

Na construção do conhecimento Vigotsky denominou da seguinte forma:

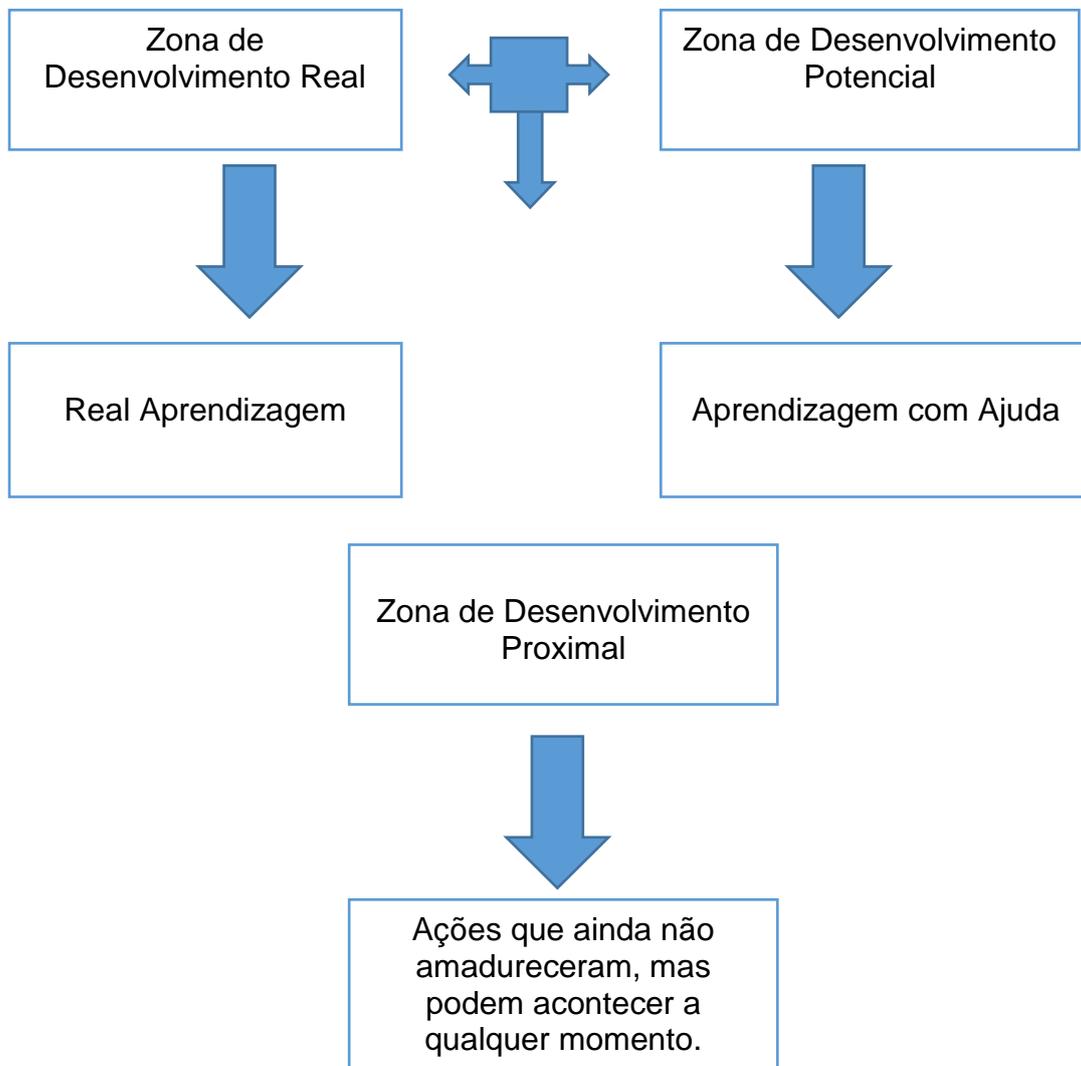
- Zona de desenvolvimento real – refere-se a conquistas de aprendizagens da criança, ou seja, o que ela consegue fazer sozinha;
- Zona de desenvolvimento potencial – refere-se a capacidade de realizar tarefas com a ajuda de outras mais eficazes;

- Zona de desenvolvimento proximal – refere-se a um domínio psicológico, ou seja, a criança realiza uma tarefa somente com a ajuda de outra pessoa, mas poderá desenvolver a mesma tarefa sozinha em um curto período de tempo.

Vejamos o que diz Oliveira (1997, 60):

Em segundo lugar essa ideia é fundamental na teoria de Vigotsky porque ele atribui importância extrema a interação social no processo de construção das funções psicológicas humanas. O desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro, nas diversas esferas e níveis de atividade humana, é essencial para o processo de construção do ser psicológico individual.

Para uma melhor compreensão ao pensamento de Vigotsky vejamos o fluxograma:





A concepção da escrita infantil de Emília Ferreiro revela alguns pontos importantes na aquisição dessa prática.

Para ela, a criança relaciona o significado ao significante e acha que escrever é desenhar os objetos, pessoas e coisas, como também pessoas e coisas grandes precisam ter nome grande. O próximo avanço é achar que a escrita não está relacionada ao objeto e ao seu nome e sim à fala, dessa forma, a criança percebe a fonética. Nesse sentido Azenha (1998,36) faz o seguinte comentário:

A escrita produzida é fruto da aplicação de assimilações ao objeto de aprendizagem (a escrita), formas utilizadas pelo sujeito para interpretar e compreender o objeto.

Emília Ferreiro identifica o aprendizado da escrita na criança como o caminho percorrido pela humanidade para adquiri-la. Pictográfica que significa o desenho do próprio objeto; ideográfica significa o uso de símbolos diferentes para representar palavras diferentes; logográfica significa escrita formada por desenhos, referindo-se ao nome do objeto.

As teorias dos três pensadores Jean Piaget, Lev Vigotsky e Emília Ferreiro contribuem muito para o processo de ensino e aprendizagem. Suas pesquisas em torno do desenvolvimento e comportamento infantil revelam ao educador, caminhos e estratégias que podem ser traçadas para um melhor resultado.

Para Emília Ferreiro, a criança não chega à escola com um conhecimento necessário e os estágios pelo qual ela vai se encontrar, mostra o nível de aprendizagem da sua escrita.

Para Piaget, a criança passa por estágios, que mostram a evolução do seu desenvolvimento cognitivo, ajudando, assim, a conhecer suas capacidades de produzir tarefas.

Para Vigotsky, a criança desenvolve suas ações e reações com a ajuda de outro indivíduo. A interação social torna-se primordial para o processo de ensino e aprendizagem.

Nessas três teorias, a preocupação dos pensadores era conhecer o universo infantil, conhecer a criança no seu pensar, agir, na realização de tarefas e no relacionamento em seu meio social, detalhar o desenvolvimento emocional, social e cultural, e assim a escola,



juntamente com os profissionais, adquirir subsídios para auxiliar o desenvolvimento infantil de forma adequada e prazerosa.

Conclusão

Portanto o centro de atenção máxima da escola deve ser o aluno, a escola existe por ele e para ele, a preocupação tem que ser com o seu bem estar e desenvolvimento em todos os sentidos, despertando, assim conhecimentos e atitudes necessárias para sua maneira de viver. Na expectativa de um bom resultado para atender as necessidades do aluno, está como mediador o professor, que é parte significativa e decisiva desse processo.

O processo da alfabetização infantil deve ser administrado com muito zelo, trata-se de um aprendizado importante e o seu desenrolar não precisa ser sofrido, porque a criança cresce em contato direto e indireto com a leitura e escrita e, de certa forma esse conhecimento é apropriado por ela.

Experiências são adquiridas, mediante o processo de aquisição e etapas vão sendo vencidas e/ou aprimoradas. Porque ser alfabetizada não implica somente em decifrar letras, mas é também o seu uso social, de como essa criança vivencia e desenvolve no meio em que vive. Por isso a importância da família esta presente todo o tempo nesse processo, trazendo sempre ao convívio dela ações que estimulem a leitura e escrita.

Entender que cada criança é única e tem seu tempo de aprendizagem, precisa ser estimulada, mas necessita ter intimidade com as letras, com as palavras, com os textos, imagens, símbolos, atividades simples que ajudam a provocar a vontade de aprender.

O ato de falar e escutar determina o processo inicial da alfabetização nas crianças, é importante ela perceber a maneira com que acontece a comunicação na sociedade em que ela está inserida.

Alfabetização também é um processo contínuo, que deve ser iniciado na infância com propostas que ajudem as crianças a vencer etapas e existem os autores, pesquisadores e



estudiosos para ajudar nessa tarefa que precisa ser também prazerosa. Cabe a escola e aos profissionais buscar conhecer melhor como se dá o processo de aprendizagem da escrita e da leitura para desenvolver com seus alunos e, assim tornar primoroso esse processo que é tão marcante na vida do ser humano.

Referências

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

AZENHA, Maria das Graças. **Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro**. 6 ed. São Paulo. Ática, 1998.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10 ed. São Paulo. Scipione. 2000.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. 8 ed. São Paulo. Cortez. 2000.

LEMLE, Mirian. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo. Ática.1981.

FARIA, Anália Rodrigues de. **O pensamento e a Linguagem da Criança Segundo Piaget**. 3 ed. São Paulo. Ática.1997.

LIMA, Adriana Flavia Santos de, **Pré-Escola e Alfabetização – Uma Proposta Baseada em Paulo Freire e J. Piaget**. 11 ed. Petrópolis, vozes, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vigotsky – **Aprendizado e Desenvolvimento um Processo Sócio-Histórico**. 4 ed. São Paulo, Scipione,1997.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bo-bu**. 1 ed. São Paulo. Scipione,1999.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

MATIAS, L.V.R. Alfabetização Infantil e o mundo da escrita. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Fevereiro de 2017, vol.11, n.34, p. 340-361. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 06.01.2017

Aceito: 27.02.2017